

## **O MÍTO DE EROS/CUPIDO E PSIQUÊ**

Numa cidade havia um rei e uma rainha que tinham três filhas dotadas de extraordinária beleza. As duas mais velhas eram bonitas e celebradas pelos homens, mas a mais nova, Psiquê, tinha uma formosura e uma majestade impar que a fazia sobressair sempre que se encontrasse presente. Era mesmo comparada à própria Vênus/Afrodite pois era atordoadamente bela e digna de devotada adoração. Espalhou-se pelas redondezas a sua fama de donzela extremamente sedutora e cuja beleza tinha sido herdada da deusa Vênus/Afrodite, pois dizia-se mesmo que, com certeza, os borrifos da espuma celeste haviam dado origem a uma nova menina, espuma essa que caíra “não nos mares, mas em terra firme” e a quem tinha sido concedida a graça e o esplendor da própria deusa. As pessoas vinham de muitos lugares para oferecer sacrifícios e alimentos à bela donzela no intuito de obter graças e cobriam de flores e ramalhetes as pequenas ruas por onde ela iria passar.

Esse fato gerou muitos boatos que se espalharam pelas cidades e ilhas vizinhas e muita gente vinha a esse lugar só para ver a pequena mortal com beleza divina se esquecendo de fazer as preces e sacrifícios em honra da deusa Vênus/Afrodite. Assim, seus templos ficaram vazios e esquecidos, as cerimônias em sua honra foram negligenciadas e seus altares permaneceram descuidados e recobertos de cinzas. A deusa não gostou nada desta situação e indignada declarou que “seja lá quem for essa menina, não vai apoderar-se de sua ilícita beleza” e que me pertence. Resolve, então, chamar seu filho, Cupido/Eros, o deus alado e extremamente audacioso, para vingar tamanha ousadia pedindo que ele executasse uma vingança perfeita: Psiquê teria que se apaixonar perdidamente pelo mais horrendo dos homens perdendo, então, toda a dignidade e herança, além de toda a moral de tal forma que mais ninguém a quisesse.

Enquanto isso, Psiquê permanecia em sua terra, não colhia nenhum fruto da glória de sua inusitada beleza e se queixava da sua vida solitária, sem marido ou amor. Suas irmãs mais velhas se casaram com homens mais velhos, ricos e estrangeiros. O pai de Psiquê, preocupado pela infelicidade da filha mais nova procura o oráculo de Apolo, ao qual faz suas súplicas e oferece sacrifícios: pede à divindade que arranje um casamento para a filha rejeitada. A resposta do deus adivinho foi um prognóstico ruim para Psiquê que deveria ser deixada no rochedo mais alto do monte para se casar com um monstro cruel e feroz que “voa pelos ares e não poupa ninguém”.

Ela aceita seu destino, segue para o íngreme rochedo e de repente se sente transportada pelo brando vento Zéfiro, que a leva docemente e a coloca sobre a relva macia do vale. Neste lugar ela deita e adormece acordando, então, mais descansada e calma. Logo vê um bosque em meio ao vale florido com árvores gigantescas, uma fonte de água brilhante e um castelo

principesco que, muito provavelmente, teria sido construído por mãos divinas. O palácio era magnífico, com aposentos ricamente mobiliados em cujas paredes se viam relevos feitos de prata ou de ouro e cujo pavimento era feito com mosaicos de pedras preciosas que formavam desenhos de valor inestimável. Ela examina tudo, no começo timidamente, mas mais segura de si, atravessa o limiar e se extasia com tanta beleza. Escuta, então, uma voz que lhe diz para ficar à vontade e desfrutar de tudo aquilo, pois tudo lhe pertencia. Ela se banha, recupera-se do cansaço dormindo um pouco e, ao acordar, vislumbra uma mesa farta e senta para se alimentar.

Assim que anoitece, Psiquê resolve ir dormir, sempre muito admirada de não encontrar ninguém e muito menos o seu consorte que era ninguém mais do que Cupido/Eros que se aproxima dela na escuridão do aposento e faz dela sua mulher, mas antes do amanhecer, desaparece apressadamente. Muitas noites se passaram iguais a essa e Psiquê vai se acostumando com a ausência do marido durante o período em que o sol brilhava. Seus pais se preocupavam com a situação da filha, assim como suas irmãs que querem conhecer o lugar e com quem ela morava, se ela era infeliz e quais eram os sofrimentos infringidos a ela pelo marido/monstro.

Cupido/Eros, como deus que era, sabia das fofocas que corriam a seu respeito e sobre seu casamento, adverte Psiquê de não ouvir suas irmãs nem falar com elas, pois isso poderia trazer desgraça e infelicidade ao casamento deles. No começo, Psiquê concorda, mas não resiste ao chamado das irmãs que por muitas vezes vêm visita-la para saber as novidades sobre a nova vida da irmã, mas ela sempre ocultava este fato ao marido. Elas conversam e as irmãs reclamam da vida, cada uma contando as desgraças dos respectivos casamentos e percebem que a irmã caçula está feliz e radiante com o marido que elas temem seja um monstro horrendo, mas que é descrito como um jovem belo de queixo recoberto de barba macia e cuja ausência se devia às suas constantes caçadas pelos bosques e montanhas. Elas começam a invejar Psiquê e a vida que ela levava, insinuam que ela deveria fazer algo para ver o rosto do marido que tão bem escondia sua identidade.

Sempre que voltavam para casa, as irmãs mentiam para os pais sobre a situação de Psiquê que então mais e mais se preocupavam com a filha mais nova. Enquanto isso, Psiquê vivia feliz sua vida junto com o marido, Cupido/Eros, apesar de suas desculpas para não revelar sua identidade, pois ele temia que, se ela soubesse quem ele era e o motivo de seu casamento, a vida conjugal acabaria e isso geraria infelicidade para os dois. Ela revela ao marido as intrigas das irmãs para desmascará-lo e ele lhe adverte para não ouvi-las e seguir a vida já que ela logo seria mãe de uma criança que seria um deus se ela guardasse o segredo deles com muito carinho. Cupido/Eros está perdidamente apaixonado pela bela Psiquê e esta não percebe a perfídia das suas irmãs que insinuam que ele é um monstro peçonhento que se aproveita da inocente esposa.

Psiquê foi tomada pela dúvida muitas vezes e numa noite em que Cupido/Eros dormia profundamente, ela pega uma lamparina e iluminando o rosto do marido vê o mais lindo deus de cabelos brilhantes e se apaixona eternamente pelo deus do Amor. Olhando para o

amado, estremece de susto, derramando o óleo ardente da lamparina no ombro do deus adormecido que acorda com a dor da queimadura e levanta voo no mesmo instante sem dizer uma palavra. Mas, ao longe já indo embora, ele lhe conta as artimanhas de sua mãe Vênus/Afrodite que desejava tão somente se vingar de Psiquê, mas afirmando que ele não resistiu aos seus encantos e, desobedecendo sua mãe, se apaixonou por ela. O castigo de Psiquê seria a ausência do amado.

Psiquê, muito infeliz depois da ida de Cupido/Eros, volta para sua terra e conta às irmãs a verdadeira identidade do marido e da vingança projetada pela sogra por ser tão bela quanto a deusa. Esta fica cada vez mais raivosa ao saber das aventuras do filho Cupido/Eros e da dupla traição que sofrera: seu filho desobediente e apaixonado pela esposa que é uma cópia dela e Psiquê cada dia mais bela e amorosa. Esta sai em busca de Cupido/Eros e encontra no seu caminho algumas deusas e deuses que lhe negam ajuda temendo a ira de Vênus/Afrodite. No entanto, Hera lhe dá um último conselho: vá até a deusa, sua sogra e mostra sua tardia submissão e tenta mitigar-lhe o ódio.

Enquanto isso, Vênus/Afrodite parte para o céu sempre triunfante e pede a Júpiter a ajuda do deus Mercúrio para encontrar Psiquê que há muito fogia da ira da deusa. Esta arma uma artimanha junto com Mercúrio, e uma escrava consegue encontrar e agarrar Psiquê levando-a até a presença da deusa, nesse momento a jovem já se conformara, até desejava o encontro com a sogra.

A deusa fica muito enraivecida quando encontra Psiquê e pede para duas das suas criadas, Tristeza e Inquietação, lhe açoitem e torturem com todos os instrumentos disponíveis. Depois disso levam-na de volta à presença da deusa que lhe diz: “você pensa que com o encanto da sua enorme barriga vais despertar nossa compaixão?” A deusa fica indignada pois será avó e este fato a faz parecer mais velha; renega o futuro neto por ser filho de uma criada fugitiva e, ainda, afirma que o casamento de Psiquê é ilegítimo e conseqüentemente seu filho será bastardo, caso ela consinta no seu nascimento. A deusa nervosamente rasga-lhe a roupa, despe as vestes do seu corpo, arranca-lhe os cabelos e enraivecida lhe dá um trabalho, o 1º, para realizar. Ao todo serão 4 trabalhos, todos de natureza diferente e impossíveis de realizar e que Psiquê terá que finalizar se quiser seu amado de volta. A vida não está nada fácil para a jovem que sofre com a ausência do amado e com a raiva de Vênus/Afrodite. É a partir deste momento que começa a peregrinação e o trabalho ardoroso rumo a plena realização de Psiquê.

#### Referência Bibliográfica

APULEIO, Lucio. *O Asno de Ouro*. São Paulo: Cultrix, 1963

NEUMANN, Erich. *Amor e Psiquê – Uma Interpretação Psicológica do Conto de Apuleio*. São Paulo: Editora Cultrix, 2017